

O ENSINO DA TEMÁTICA DE GRUPO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM NO BRASIL^a

Denize Bouttelet MUNARI^b

Bárbara Souza ROCHA^c

Daniela Santiago NUNES^d

Marcelo MEDEIROS^e

RESUMO

Estudo descritivo exploratório com objetivo de identificar Cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil que tratam da temática de grupo no currículo e suas características. Os dados coletados com os professores, que responderam e devolveram aos pesquisadores o questionário enviado, foi possível verificar que o ensino do tema é pouco explorado nas escolas, sendo poucos os traços comuns entre as instituições quanto ao conteúdo, carga horária e estratégias de ensino. Devido à importância da temática e à necessidade do preparo do enfermeiro para o trabalho coletivo e coordenação de grupos/equipes, recomendamos a inserção desse conteúdo na formação desse profissional.

Descritores: Educação em enfermagem. Equipe de enfermagem. Relações interpessoais.

RESUMEN

Estudio descriptivo y exploratorio con el objetivo de identificar Cursos de Graduación en Enfermería en Brasil que tratan de la temática de grupo en el currículo y sus características. A través de los datos recolectados con los profesores, que respondieron y devolvieron el cuestionario enviado, fue posible verificar que la enseñanza del tema es poco explorada en las escuelas, siendo pocos los trazos comunes entre las instituciones en cuanto al contenido, carga horaria y estrategias de enseñanza. Debido a la importancia de la temática y a la necesidad de preparar el enfermero para el trabajo colectivo y la coordinación de grupos/equipo, recomiendan los autores la inserción del contenido en la formación de este profesional.

Descriptores: Educación en enfermería. Grupo de enfermería. Relaciones interpersonales.

Título: Enseñanza de la temática de grupo en los cursos de graduación en Enfermería en Brasil.

ABSTRACT

It is about a descriptive and exploratory study with the objective of identifying Nursing Graduation Courses in Brazil that contemplate the group theme within the educational plan and its characteristics. From the data collected with Nursing Course professors in a form answered and sent back to the researchers, it has been possible to verify that teaching the group theme is little explored in the Schools, being few the common traces among the institutions regarding content, teaching hours and strategies. Due to the importance of this theme and the need of preparing the nurse for the collective work and the coordination of groups/teams, the authors recommend the insertion of this subject in the education of this professional.

Descriptors: Education, nursing. Nursing, team. Interpersonal relations.

Title: Teaching the group theme in nursing graduation courses in Brazil.

^a Pesquisa desenvolvida por pesquisadores e bolsistas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Integral (NEPSI/FEN/UFG). Apoio CNPq.

^b Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.

^c Enfermeira. Ex-bolsista de Iniciação Científica (CNPq/Balcão) vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Integral – NEPSI/FEN/UFG.

^d Enfermeira. Pesquisadora voluntária do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Integral – NEPSI/FEN/UFG.

^e Doutor em Enfermagem. Professor Adjunto da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.

1 INTRODUÇÃO

Em toda atividade humana a existência dos grupos e equipes para realização de tarefas é uma realidade, sendo cada vez menos freqüente uma atividade em que se depende, exclusivamente de uma única pessoa. Mesmo sem se dar conta, o homem é um ser que passa grande parte do seu tempo convivendo em grupos, seja na família, na escola, no trabalho, no lazer, onde se envolve em um processo de interação constante⁽¹⁾.

Na área da saúde essa é uma necessidade imperativa, em particular, pela característica de interdisciplinaridade do cuidado humano. Na enfermagem, em função da própria natureza do seu trabalho, o desenvolvimento de atividades em grupos e equipes é cada vez mais evidente e acompanha as tendências das políticas públicas⁽²⁾.

Assim, é fundamental, ainda durante o processo de formação do enfermeiro, o desenvolvimento de habilidades específicas para compreender, organizar e coordenar grupos. Estudos realizados no Brasil⁽³⁻¹⁰⁾ sinalizam a importância desse conhecimento no cotidiano do trabalho do enfermeiro, quer seja na assistência ou na gerência dos serviços.

Considerando a relevância da temática no mundo contemporâneo e a exigência cada vez maior do mercado de trabalho de uma atuação do enfermeiro como coordenador de grupos, independente de sua natureza, é fundamental que esse conhecimento seja ancorado em um referencial que lhe dê suporte para uma ação mais consistente e assertiva nesse trabalho.

O grupo é uma estratégia utilizada pelo enfermeiro em ações assistenciais, gerenciais e de pesquisa⁽¹¹⁾ e não se constitui propriamente em uma novidade, porém grande parte dessas ações ainda é fundamentada apenas na experiência do profissional que, em geral, tem pouco preparo específico para o trabalho com grupos⁽³⁾.

No contexto deste trabalho consideramos que o grupo não é a mera soma de pessoas, nem o vocábulo que utilizamos para qualificar agrupamentos de pessoas ou coisas (grupos de risco, grupos populacionais, etc.). A utilização do termo grupo para nós se refere a uma estrutura de interação psicológica entre os indivíduos que o compõem, onde as pessoas podem se desenvolver, realizar tarefas, partilhar problemas semelhantes e buscar apoio para enfrentar os obstáculos ou dificuldades, em um clima de respeito às diferenças, de valorização dos potenciais humanos e troca de experiências⁽¹²⁾.

Nessa perspectiva, a possibilidade de alívio da solidão, do pessimismo e dos efeitos psicológicos acarretados pelas dificuldades, torna o grupo um instrumento de mudança capaz de oferecer espaço para o crescimento humano e resolução de problemas⁽¹²⁾.

Os grupos humanos existem à revelia da nossa vontade e não precisam necessariamente de um coordenador formal para o seu funcionamento⁽¹⁾. No entanto, no contexto do trabalho em saúde, por exemplo, os grupos e equipes existem sob a responsabilidade de um coordenador. Esse, por sua vez, nem sempre tem o domínio do funcionamento e da dinâmica de grupo, embora deva desenvolver habilidades específicas para delimitar os objetivos e finalidades do trabalho e comprometer-se com a avaliação de seus resultados e redirecionar suas ações quando necessário^(2,13).

O enfermeiro ao assumir o papel de coordenador de grupo quer seja de uma equipe, de um grupo terapêutico, de um grupo educativo ou ainda de um grupo destinado à formação e desenvolvimento de pessoas, deve ter clara a importância de compreender o processo grupal, de conhecer a sua cultura e ainda, de conduzi-lo com o propósito de atender as necessidades das pessoas que o compõem independente de sua finalidade ser operativa ou terapêutica^(2,4).

Nesse sentido, acreditamos que o próprio movimento de mudança no direcionamento da formação dos profissionais da área da saúde na atualidade, em particular, da enfermagem favorece a inserção de conteúdos que valorizem a vivência e o aprendizado no contexto do grupo, por esta facilitar a experimentação de uma abordagem ética-humanística do ensino e prática em saúde⁽¹⁴⁾.

O grupo, nesse aspecto, tem se revelado uma ferramenta importante por permitir o desenvolvimento de habilidades de interação humana que podem viabilizar mudanças no comportamento dos usuários e dos profissionais.

No entanto, o domínio da tecnologia de grupo exige capacitação específica e, no caso da formação do enfermeiro para a coordenação de grupo, essa seja uma necessidade cada vez mais urgente, uma vez que não é possível o desenvolvimento do papel de coordenador de grupo apenas pela intuição ou ação empírica^(2,15).

O ensino dessa temática nos Cursos de Graduação em Enfermagem nem sempre é explicitamente contemplado nos currículos, conforme aponta um estudo⁽¹⁶⁾ sobre o ensino de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental, área em que essa temática é, frequentemente, tratada. Por outro lado, nas Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Enfermagem é evidente a preocupação para que a formação do enfermeiro deva assegurar o estímulo ao trabalho grupal por favorecerem a discussão coletiva e as relações interpessoais⁽¹⁷⁾.

Essas evidências foram discutidas em estudo⁽⁴⁾ que faz uma análise da inserção dessa temática nas novas diretrizes curriculares. O estudo aponta a importância desse conhecimento quando traz no artigo 4º das Novas Diretrizes Curriculares, que trata do conjunto de conhecimentos necessários a formação do enfermeiro, aspectos relacionados a dinâmica dos grupos, mais especi-

ficamente, nos itens III, IV, V que tratam da comunicação, liderança e administração e dos itens VI, VIII, XII, XXI, XXII e XXIII que tratam das habilidades para a coordenação de grupos junto a clientes em serviços de saúde e ao na convivência e coordenação junto a equipe de enfermagem e de saúde^(4,17).

Finalmente, destacamos o artigo 14º que sinaliza que na estrutura dos cursos de graduação seja garantido espaço para a vivência de “dinâmicas de trabalhos em grupo, por favorecerem a discussão coletiva e as relações interpessoais”^(17:6).

Para que o egresso do curso de graduação em enfermagem seja capaz de desenvolver a habilidade de lidar adequadamente com grupos é fundamental que lhe seja dado condições de entender o grupo do ponto de vista intelectual e também fundamentar a sua prática para que sua atuação não seja mera repetição de técnicas ou jogos sem a devida elaboração da significação da ação e ainda da sua avaliação sistemática^(3,4,11,15).

Partindo dessa preocupação e envolvidas com o ensino dessa temática no curso de graduação em Enfermagem desde 1994, nos interessamos em compreender como o ensino desse tema ocorre em todo o Brasil, até para que possamos contribuir para o alcance da meta de capacitar o enfermeiro para desenvolver essa habilidade com a competência necessária.

Assim nos propusemos neste estudo, identificar os Cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil que tratam do ensino da temática do grupo no seu currículo e as características gerais desse ensino, partindo de um estudo da área de saúde mental⁽¹⁶⁾.

2 METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo traçado para a investigação, realizamos uma pesquisa exploratória, desenhada a partir de um es-

tudo realizado no Brasil⁽¹⁶⁾ que mapeou o ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental no país. O ponto de partida foi o referido estudo uma vez que, é nessa área que esse conteúdo é mais, frequentemente, trabalhado. Essa afirmação tem como base o estudo referido e também nossa experiência e envolvimento no ensino e pesquisa do tema desde o início da década de noventa.

A partir dessa investigação rastreamos os conteúdos das disciplinas, buscando identificar os temas: grupo, atividade grupal, dinâmica de grupo e outras expressões menos frequentes, que sinalizassem que o assunto fosse explorado de alguma forma pelas escolas.

Uma vez identificadas as disciplinas ou conteúdos sobre grupo dentro das mesmas e suas respectivas instituições, enviamos por via postal um instrumento de coleta de dados que consistia em um questionário com questões abertas e fechadas. Tais questões buscavam informações sobre o conteúdo das disciplinas, a forma como são tratados tais conteúdos, principais estratégias de ensino, processo de avaliação, referencial bibliográfico utilizado e formação específica dos docentes para essa temática.

O projeto de pesquisa foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Goiás e acompanhando os questionários devolvidos os sujeitos informavam sua disponibilidade em participar da pesquisa através de documento de consentimento.

A primeira correspondência foi enviada em 2001, sendo que para melhor alcance do estudo, reenviamos o material mais duas vezes até finalizarmos a coleta no início de 2002. Posteriormente, ao recebimento de todo material, os dados foram compilados e submetidos à análise.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exploração do estudo referido anteriormente⁽¹⁶⁾ permitiu identificar em todo o

Brasil a existência de quarenta e duas instituições que possuíam no seu currículo algum conteúdo sobre a temática de grupo ou uma disciplina específica para o assunto.

Consideramos que, embora o estudo citado tenha se restringido ao ensino específico de enfermagem psiquiátrica e saúde mental, acreditamos que os dados obtidos sejam reflexos do ensino da temática no Brasil, já que a experiência no acompanhamento dos currículos dos cursos de graduação em enfermagem, desde o início da década de noventa como membro de comissões de ensino, a presença frequente nos Seminários Nacional de Ensino de Enfermagem promovidos pela Associação Brasileira de Enfermagem nos levava a uma pesquisa informal, mas constante desse aspecto, uma vez que esse era nosso tema de pesquisa desde essa época.

Das quarenta e duas instituições contatadas, identificadas a partir do estudo citado recebemos respostas de vinte e duas delas, que passaram a constituir a amostra desse estudo, perfazendo 52% do total de questionários enviados.

Na apresentação dos dados buscamos identificar a distribuição das instituições por regiões no país, mostrando as características do ensino dessa temática como carga horária, conteúdo, estratégias, formas de avaliação e a capacitação específica do enfermeiro, coordenador da disciplina para trabalhar com ela.

De modo geral, verificamos que não existe uma uniformidade no modo de se tratar o ensino da temática em nenhum aspecto. A maioria das instituições utiliza o grupo como estratégia de abordagem do aluno sem, no entanto, explorar o grupo como referencial teórico-metodológico, poucas delas abordam o conteúdo para o ensino da coordenação de grupos ou equipes.

Outro aspecto relevante também nessa análise mais global, diz respeito a maneira equivocada com que alguns cursos utilizam a terminologia dinâmica de grupo, restringindo-

a como técnicas ou estratégias para aquecimento ou mobilização do grupo de alunos para alguma tarefa.

3.1 As instituições e a inserção do ensino da temática de grupo

Dentre as 22 instituições que responderam o questionário, quatorze pertencem ao Sudeste do país, três ao Nordeste, duas ao Sul, duas ao Centro-Oeste e uma ao Norte do país. Desse total, dezesseis escolas são instituições públicas e seis são instituições privadas.

Entre as vinte e duas instituições estudadas, o ensino da temática sobre grupos é ministrado em dez delas através de conteúdo inserido numa disciplina. Em sete instituições, apenas, o tema é trabalhado como disciplina específica, que focaliza o aprendizado da coordenação de grupos. Em outras três, o conteúdo é tratado como disciplina específica e ainda como conteúdo de outra disciplina. Duas instituições alegaram utilizar a dinâmica de grupo apenas como recurso metodológico no processo de ensino.

Esse panorama retrata com mais clareza o aspecto já sinalizado anteriormente quanto ao uso do conteúdo sobre grupos para a formação do enfermeiro, parecendo que não existe uma clareza de como abordar essa temática na graduação em enfermagem.

3.2 A denominação das disciplinas e o período em que são ministradas

As disciplinas que abordam a temática, em sua maioria, têm o nome vinculado aos termos Saúde Mental e Psiquiatria, sendo representadas por 71% das escolas que participaram da pesquisa. Em 23% das escolas o nome das disciplinas contemplam o termo Dinâmica de Grupo. Em 3% das escolas o nome da disciplina que trata do conteúdo é vinculado a Saúde Comunitária e Saúde do Escolar e mais 3% delas relacionam o nome

da disciplina com Administração em Enfermagem. Porém, para parte dessas últimas citadas, o grupo é utilizado apenas como estratégia de abordagem do aluno, sem se constituir como conteúdo teórico a ser explorado.

O período em que o conteúdo ou a disciplina é ofertada pelas escolas é também bastante variável. Em 52% das escolas as disciplinas são oferecidas entre o 1º e o 3º ano da graduação e 38% no 4º e 5º ano, sendo que todas elas as disciplinas são obrigatórias. Em 5% das escolas a disciplina sobre grupo é oferecida de forma optativa e ainda, 5% das escolas dizem trabalhar a disciplina durante toda a graduação, sendo nesses casos aquelas em que consideram a dinâmica de grupo como estratégia de abordagem do aluno para o aprendizado de modo geral.

3.3 A carga horária destinada ao tema e os objetivos

As escolas disponibilizam a carga horária para tratar essa temática de duas formas. Como carga horária específica de uma disciplina variando entre disciplinas de vinte e cinco horas até disciplinas de duzentas e noventa e três horas. Nesse caso, os docentes utilizam a dinâmica de grupo, exclusivamente, como estratégia para abordagem dos alunos de modo geral, como já citada anteriormente.

Outra forma de abordar o tema no ensino foi por meio de conteúdo específico em uma disciplina, variando de quatro a dezesseis horas dispensadas para esse assunto. Poucas escolas referem utilizar a carga horária para desenvolvimento da prática, o que reforça a idéia de que ainda poucas instituições destinam espaço para tratar do ensino da coordenação de grupo.

Os objetivos são de grande importância porque devem descrever claramente o que pretendemos como resultado de uma ati-

vidade. Quando os objetivos são pontualmente definidos o educador adquire segurança, pois sua atuação torna-se orientada.

O resultado do estudo, no que diz respeito aos objetivos definidos pelas escolas, mostra que, de modo geral, os objetivos pretendidos pelas instituições são diversos com relação a inserção do conteúdo em questão.

As escolas que dispensam carga horária específica para o conteúdo, ou ainda, que tratam do mesmo no contexto de uma disciplina mais abrangente, traçam os objetivos para o conhecimento de noções gerais sobre Dinâmica de Grupo, trabalhando com as bases teórico-metodológicas ou ainda, o desenvolvimento da prática do trabalho de grupo em intervenções terapêuticas com clientela variada, inclusive no contexto da atenção em saúde mental e psiquiatria.

Algumas instituições trabalham com objetivos voltados para proporcionar ao acadêmico o autoconhecimento como possibilidade de solidificar o aprendizado do relacionamento interpessoal.

Nesse sentido os dados nos permitem afirmar que existem diferenças na compreensão dos docentes que ministram as disciplinas, sobre o que é importante trabalhar sobre esse conteúdo na graduação, lembrando que não há nenhum objetivo que seja comum para todas as escolas, o que reforça a idéia da importância de pensarmos na possibilidade de uma discussão sobre aspectos mínimos indispensáveis sobre o ensino da temática na formação do enfermeiro, para que sejam atendidas as orientações das novas diretrizes curriculares sobre essa questão e para que o enfermeiro esteja mais preparado para o trabalho de coordenador de grupos/equipes.

3.4 Os conteúdos trabalhados e as estratégias adotadas pelas escolas

De igual forma os conteúdos oferecidos pelas escolas não apresentam regulari-

dade, ou seja, aspectos que sejam comuns a todos, até porque a forma como o conteúdo é inserido nas disciplinas é bastante diversificada.

As escolas que oferecem disciplinas específicas para o ensino da coordenação de grupos, contemplam no conteúdo o processo de estruturação, funcionamento e componentes de um grupo, conceito, histórico, tipos e modalidades de grupos e técnicas grupais.

Embora estas sejam menos frequentes, vale a pena ressaltar a importância que tem sido dada por algumas instituições ao desenvolvimento do papel do enfermeiro como coordenador de grupo, seja terapêutico ou com enfoque na gerência da equipe de enfermagem e de saúde.

Algumas escolas ao responderem essa questão citaram a utilização do grupo como alternativa terapêutica na assistência em Saúde Mental e Psiquiatria, outras no processo de desenvolvimento da personalidade do ser humano e da comunicação como um fator essencial ao relacionamento interpessoal.

Embora entendemos que o grupo é um espaço adequado para o desenvolvimento desses conteúdos, acreditamos que existe uma interpretação equivocada dos conteúdos fundamentais para o aprendizado do trabalho com grupos.

Na realidade, os equívocos ocorrem em função da pouca clareza que ainda é comum em nosso meio, sobre o **venha a ser**, de fato, um trabalho focado no desenvolvimento de coordenadores de grupo, com a simples aplicação de técnicas e jogos grupais que facilitam a abordagem de pessoas quando reunidas para finalidades diversas.

A compreensão da dinâmica do grupo e a leitura cuidadosa das necessidades do grupo, que podem não ser as mesmas do coordenador, nem sempre é domínio de quem utiliza estratégias didáticas na abordagem educacional em grupo, embora essa talvez fosse uma preocupação importante a ser considerada pelos educadores⁽¹⁸⁾.

A experiência no ensino e pesquisa sobre o tema nos permite afirmar que, dependendo do objetivo que pretendemos atingir com o ensino, do que esperamos que os alunos assimilem, da disponibilidade dos aprendizes, das condições físico-estruturais para o trabalho e do tempo disponível para cada encontro, ou até mesmo para a disciplina, é que podemos optar por uma estratégia didática mais adequada.

A soma de todos esses aspectos é que vai determinar que ações e estratégias são mais adequadas em sala de aula para o ensino da abordagem de grupos nos Cursos de Graduação em Enfermagem.

Esse tópico da pesquisa nos chamou muita atenção pela incoerência entre os conteúdos pretendidos e as estratégias didáticas mais empregadas pelas escolas no ensino desse assunto.

Em 57% das escolas as estratégias mais utilizadas estão centradas na exposição dialogada, estudo dirigido, seminários, leitura, discussões de textos e filmes. Vale ressaltar que tais estratégias, embora adequadas em outras circunstâncias, podem manter o grupo numa posição de passividade e desconsiderado no seu movimento e necessidade. Esse aspecto sinaliza a necessidade de atenção quanto da utilização dessa tecnologia, se a condução do grupo for feita exclusivamente sob essa perspectiva.

Em 25% das instituições a estratégia mais utilizada é aquela voltada para a vivência do aluno como coordenador ou membro de um grupo, numa abordagem teórico-vivencial, que no nosso entendimento é a estratégia mais adequada e pertinente ao ensino desse conteúdo^(18,19).

Algumas escolas sinalizaram ainda que utilizam como estratégia a discussão em grupo e dramatizações (18%) o que nos leva a considerar que através dessas últimas estratégias, parece que o ensino desse tema pode ser mais efetivo por possibilitar ao aluno vivenciar na prática o que está estudando na teoria.

Por outro lado, a nossa própria experiência no ensino dessa temática há mais de dez anos na graduação tem mostrado que nem sempre os alunos se beneficiam ou estão abertos para isso, demonstrando resistência e indisposição⁽¹⁹⁾, o que mostra que nem sempre as estratégias mais adequadas são as mais efetivas.

3.5 A avaliação

O processo de avaliação foi aspecto também explorado pela investigação. Consideramos esse momento do processo ensino-aprendizagem tão importante quanto qualquer outra etapa, pois esta não é relacionada apenas a aferição da competência do aluno, mas permite também aferir a capacidade do professor em cumprir os objetivos e planejamentos traçados e, portanto é um processo contínuo^(20,21).

Observamos, de modo geral, que a avaliação dessa temática é tratada de modo tradicional, por meio de provas escritas, apresentações orais e trabalhos como foi relacionado por 44% das escolas pesquisadas.

Isso nos leva a considerar as tendências atuais da avaliação na educação contemporânea que sinalizam uma avaliação formativa e processual, que permita ao professor conhecer não apenas o que o aluno apreendeu de conteúdo específico, mas, principalmente, de como consegue articular esse conhecimento com os aspectos da sua vida diária e da prática profissional^(22,23).

Outro processo também citado como o mais freqüente (36%) foi a observação sistemática do aluno dando ênfase no cumprimento de seus compromissos enquanto membro do grupo promovendo uma avaliação voltada para a assiduidade, convivência com os colegas e pontualidade, avaliando o aluno e observando o mesmo nas suas vivências práticas e participação nos estágios. Essa estratégia nos parece garantir o que Consolaro⁽²³⁾ define como tarefa da avaliação que é

de referendar o contrato da convivência estabelecida entre o professor e o aluno, cujo objetivo final é a incorporação de novas habilidades na construção do ser profissional.

Além disso, a avaliação do seu próprio processo de aprendizado (auto-avaliação) e dos seus pares (hetero-avaliação) apareceu como fator de análise do desempenho discente (15%) e apenas 3% das estratégias de avaliação são voltadas para o desempenho do aluno como coordenador de grupo. Apenas uma instituição cita como estratégia de avaliação também a colagem, que por se constituir como uma técnica projetiva de abordagem psicológica, pode oferecer a oportunidade ao docente de observar como o aluno integra o pensar, o sentir e o agir no campo grupal.

3.6 A bibliografia

A bibliografia utilizada nas disciplinas, como pode ser observado no Quadro é extremamente variada, revelando na análise a importância dada pelos docentes a textos básicos disponíveis na literatura nacional sobre o tema. Cerca de 63% das bibliografias que foram citadas pelas escolas abordam títulos relacionados ao conceito e teoria, técnicas, história, estrutura e papel do enfermeiro como coordenador de um grupo. Títulos ligados à Psiquiatria e à Saúde Mental compõem 30% das referências bibliográficas. Aproximadamente 4% estão relacionadas à integralidade do ser humano e os últimos 3% da bibliografia se relacionam ao trabalho dentro de uma equipe multidisciplinar.

REFERÊNCIA CITADA	%
MUNARI, D. B.; RODRIGUES, A. R. F. Enfermagem e grupos . Goiânia: AB, 1997.	45%
ZIMMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. (Org.). Como trabalhamos com grupos . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	27%
TAYLOR, C. M. Fundamentos da enfermagem psiquiátrica . Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.	18%
MAILHIOT, G. B. Dinâmica e gênese dos grupos . São Paulo: Duas Cidades, 1981.	14%
RIVIERÉ, E. P. O processo grupal . São Paulo: Martins Fontes, 1991.	14%
CAMPOS, M. A. O trabalho em equipe multidisciplinar: uma reflexão crítica. J. bras. Psiquiatr. , Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 255-257, jul. 1992.	10%
MELO FILHO, J. Psicossomática hoje . Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.	10%
MOSCOVICI, F. Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo . 4. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1985.	10%
OSÓRIO, L. C. Grupoterapia hoje . Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.	10%
ZIMMERMAN, D. B. Fundamentos básicos de grupoterapias . Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.	10%

Quadro: Bibliografia mais utilizada para o ensino da temática de grupo nas escolas de enfermagem no Brasil. Goiânia, 2002.

3.7 A formação específica do docente responsável

No que se refere a titulação dos docentes é possível observar que 68% das escolas sinalizam que seus profissionais possuem formação específica para trabalhar com grupos e 32% das escolas não possuem docentes com essa formação específica. Vale ressaltar que a referida formação específica foi relacionada à formação de especialista em grupo operativo na abordagem pichoniana ou

outras linhas de base analítica, psicodramática, gestáltica ou de dinâmica de grupo, até a participação em cursos rápidos sobre Dinâmica de Grupo.

Consideramos, a esse respeito, que não há um entendimento claro sobre o que vem a ser essa formação, pois independente da atividade de qualificação, os docentes foram considerados formados para a abordagem de grupos indistintamente do investimento que tenham feito na sua formação específica.

Também nesse ponto destacamos que não existe uma clareza sobre o que venha a ser uma formação adequada para a coordenação de grupos, fato que não é exclusivo dos profissionais da área de enfermagem. O estudo de Andaló evidencia que há “um processo de banalização preocupante numa perspectiva claramente tecnicista, dando a falsa impressão de que coordenar grupos é uma atividade simples e que não requer maiores conhecimentos teóricos, além do domínio de alguns ‘jogos’, ‘técnicas’ e ‘dinâmicas’ superficiais aplicadas geralmente à revelia do movimento grupal.” Completa ainda a autora que “é comum pessoas solicitarem sugestões de alguma ‘tecnicazinha’ para aplicar em grupo cujas características o próprio coordenador do mesmo ignora completamente”^(15:135).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre o ensino da temática na Graduação em Enfermagem podemos afirmar que o tema ainda é pouco abordado nas escolas de todo país, considerando o número de escolas pesquisadas frente ao número total de Cursos de Graduação em Enfermagem do Brasil, o que nos permite afirmar que embora a temática seja de extrema relevância, ainda é incipiente o número de cursos que tratam o conteúdo e a formação do enfermeiro.

Embora pudesse ser questionado o fato da fonte dos dados iniciais para esse trabalho ser oriunda de um estudo sobre o ensino da área de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental, acreditamos que ele represente a realidade do ensino dessa temática no país, de modo geral, uma vez que nos encontramos envolvidos no ensino de Enfermagem há vinte anos, acompanhando as discussões curriculares através dos seminários oficiais promovidos por nossas entidades de classe, com experiência na coordenação do Curso de Graduação em Enfermagem.

A carga horária destinada ao ensino do tema é bastante variada, demonstrando que não há uma uniformidade no modo como o conteúdo é ofertado pelos cursos, reforçado pela indicação de objetivos e estratégias de ensino também distintas, com pouca direção para o processo de aprendizagem da coordenação de grupos.

Esse aspecto é reforçado quando analisamos a contradição presente no conjunto dos dados com relação às estratégias utilizadas para o ensino da temática, já que a aula expositiva é o principal instrumento no processo ensino-aprendizado.

A contradição sinalizada aqui diz respeito ao nosso entendimento de que para o aprendizado do processo grupal e do funcionamento dos grupos não basta apresentar conteúdos em aulas expositivas sem o devido espaço para a experiência da vida grupal.

Durante nosso processo de formação como Especialista em Consultoria e Gestão de Grupos pela Sociedade Brasileira de Psicodrama, Psicanálise e Dinâmica de Grupo (SOBRAP/Goiás) constatamos a importância de adequarmos a estratégia para o ensino desse tema também na graduação em enfermagem, que se dá com mais efetividade quando o aluno integra teoria e vivência, preferencialmente, dentro de um modelo adequado, como, por exemplo, a educação de laboratório⁽¹⁸⁾, aspecto esse já sinalizado por outros estudos^(6,19).

De igual forma, as novas diretrizes curriculares para o ensino de graduação em enfermagem, os vários movimentos que presenciemos no cenário nacional no que diz respeito ao ensino na área de saúde sinalizam a importância de buscarmos métodos e estratégias de ensino que possam ter impacto na mudança da assistência em saúde^(24,25).

O processo de avaliação, da mesma forma, mostra um modelo ainda conservador no processo de ensino, pois a maioria das escolas trabalha com avaliações tradicionais (prova escrita) não valorizando outras estra-

tégias mais criativas, que poderiam contribuir muito no processo de formação do aluno, não apenas como instrumento de mensuração, mas principalmente como meio de torná-lo mais responsável pelo seu aprendizado como pessoa-profissional⁽¹⁹⁾.

A formação específica dos docentes que ministram esse conteúdo na graduação em enfermagem evidencia também que não há uma clareza do que venha a ser necessário nessa formação, talvez porque esse seja um campo de atuação ainda emergente na Enfermagem, porém não menos importante quando se trata de aplicação do conhecimento na prática profissional⁽²⁾.

Acreditamos que, dada a relevância desse conhecimento para o desempenho mais efetivo do enfermeiro para coordenação de grupos e equipes e a própria exigência mercadológica de profissionais com essa competência, o ensino da temática de grupo em enfermagem venha a ser, num futuro breve, um conteúdo mais presente nas grades curriculares e tema de mais interesse de pesquisa para os enfermeiros.

Porém, vale destacar que, assim como a coordenação de grupo não se constitui em tarefa fácil, o ensino dessa temática exige uma qualificação e habilidades específicas do docente, que não poderá se furtar de melhor se preparar para essa função, aspecto esse já apontado em outros estudos^(6,10,15).

REFERÊNCIAS

- 1 Osório LC. Grupos: teorias e práticas: acessando a era da grupalidade. Porto Alegre (RS): Artes Médicas Sul; 2000. 210 p.
- 2 Ciampone MHT, Peduzzi M. Trabalho em equipe e trabalho em grupo no programa de saúde da família. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2000 dez;53(n esp):143-7.
- 3 Munari DB, Furegato ARF. Enfermagem e grupos. Goiânia (GO): AB; 2003. 82 p.
- 4 Munari DB, Fernandes CNS. Coordenar grupos: reflexão à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre (RS) 2004 abr;25(1):26-32.
- 5 Ribeiro V, Munari DB. Saúde mental em clientes cirúrgicos: o desenvolvimento de ações de Enfermagem através do Grupo de Suporte/Apoio. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 1998 jan/mar;51(1):147-64.
- 6 Saeki T, Munari DB, Alencastre MB, Souza MCBM. Reflexões sobre o ensino de dinâmica de grupo para alunos de graduação em Enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo 1999 dez;33(4):342-7.
- 7 Wall ML. Tecnologias educativas: subsídios para a assistência de enfermagem a grupos. Goiânia (GO): AB; 2001. 103 p.
- 8 Munari DB, Ribeiro V, Lopes MM. Intervenção grupal com enfoque no cuidado emocional: relato de uma experiência. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2002 jul/ago;55(4):449-51.
- 9 Silva ALCA, Munari DB, Lima FV, Silva WO. Atividades grupais em saúde coletiva: características, possibilidades e limites. Revista de Enfermagem da UERJ, Rio de Janeiro 2003 jan/abr;11(1):18-24.
- 10 Silva KMC, Corrêa AK. O trabalho em grupo: vivências de alunos de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2002 jul/ago;55(4):460-5.
- 11 Godoy MT. Análise da produção científica sobre a utilização de atividades grupais no trabalho do enfermeiro no Brasil: 1980-2003 [dissertação de Mestrado]. Goiânia (GO): Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás; 2003. 125 f.
- 12 Mailhiot GB. Dinâmica e gênese dos grupos. São Paulo: Duas Cidades; 1981. 188 p.
- 13 Motta PR. Desempenho em equipes de saúde: manual. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2001. 142 p.

- 14 Esperidião E, Munari DB. Repensando a formação do enfermeiro e investindo na pessoa: algumas contribuições da abordagem gestáltica. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2000 jul/set;53(3):415-23.
- 15 Andaló CSA. O papel de coordenador de grupos. Psicologia USP, São Paulo 2001;12(1): 135-52.
- 16 Alencastre M, Munari DB, Saeki T, Souza MCBM. Estudos sobre o ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental no Brasil. Ijuí (RS): Ed. Unijuí; 2000. 144 p.
- 17 Ministério da Educação e Cultura (BR), Secretaria de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília (DF); 2000. 11 p.
- 18 Moscovici F. Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo. Rio de Janeiro: José Olympio; 2001. 276 p.
- 19 Esperidião E, Munari DB, Stacciarini JMR. Desenvolvendo pessoas: estratégias didáticas facilitadoras para o auto-conhecimento na formação do enfermeiro. Revista Latino-americana de Enfermagem, Ribeirão Preto (SP) 2002 jul/ago;10(4):516-22.
- 20 Abreu MC, Masetto MT. O professor universitário em sala de aula. São Paulo: MG Associados; 1987. 130 p.
- 21 Demo P. Educar pela pesquisa. Campinas (SP): Autores Associados; 1996. 129 p.
- 22 Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; 2000. 118 p.
- 23 Consolaro A. O ser professor: arte e ciência no ensinar e aprender. Maringá (PR): Dental Press International; 2000. 282 p.
- 24 Mehry EE, Franco TD. Por uma composição técnica do trabalho em saúde centrado no campo relacional e nas tecnologias leves: apontando mudanças para os modelos técnico-assistenciais. Saúde em Debate, Londrina (PR) 2003 set/dez;27(65):316-23.
- 25 Marques GQ, Lima MADS. As tecnologias leves como orientadoras dos processos de trabalho em serviços de saúde. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre (RS) 2004 abr;25(1):17-25.

Endereço da autora/Author's address:

Denize Bouttelet Munari
Rua 227, Qd 68 s/n 150 – FEN/UFG
Setor Leste Universitário
74605-080, Goiânia, GO
E-mail: denize@fen.ufg.br

Recebido em: 30/12/2003

Aprovado em: 22/07/2005
